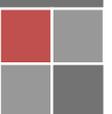


Agosto
2018



BOLETIM DE PETRÓLEO



1 - Cenário Econômico

O contexto internacional apresentou queda dos investimentos nos países emergentes. A baixa contribuiu para a valorização do dólar no exterior, com o conflito comercial entre os EUA e a China ficando em segundo plano. Esse movimento foi motivado principalmente por crises econômicas em alguns países emergentes com grande exposição aos mercados internacionais, como nos casos da Turquia e da Argentina. Com isso, foi possível observar um maior fluxo de capitais em direção aos EUA, reforçando a aversão ao risco apresentada pelos investidores nos mercados de ações dos países emergentes. Ressalta-se que o cenário poderia ser pior, dada esperada possibilidade de um aumento na taxa de juros americana antes do previsto. Caso as apostas de alta se concretizem, esse ritmo mais acelerado na escalada dos juros pode fortalecer ainda mais a moeda americana.

No Brasil, o mercado financeiro se mostrou mais sensível à incerteza do quadro eleitoral do que à instabilidade dos países emergentes. A transmissão dos impactos negativos do exterior no mercado doméstico pôde ser captada principalmente via taxa de câmbio, visto que o fortalecimento do dólar apenas evidenciou a aversão ao risco em países emergentes de uma forma geral. Apesar do exposto, a conjuntura favorável das contas externas limitou esse movimento, comprovando que o mês agosto foi penalizado de forma mais intensa pela sua proximidade com as eleições. Isso ocorre porque, dependendo das propostas de cada candidato à presidência, pode haver uma mudança nas expectativas de investidores em relação a concretização ou não das reformas econômicas.

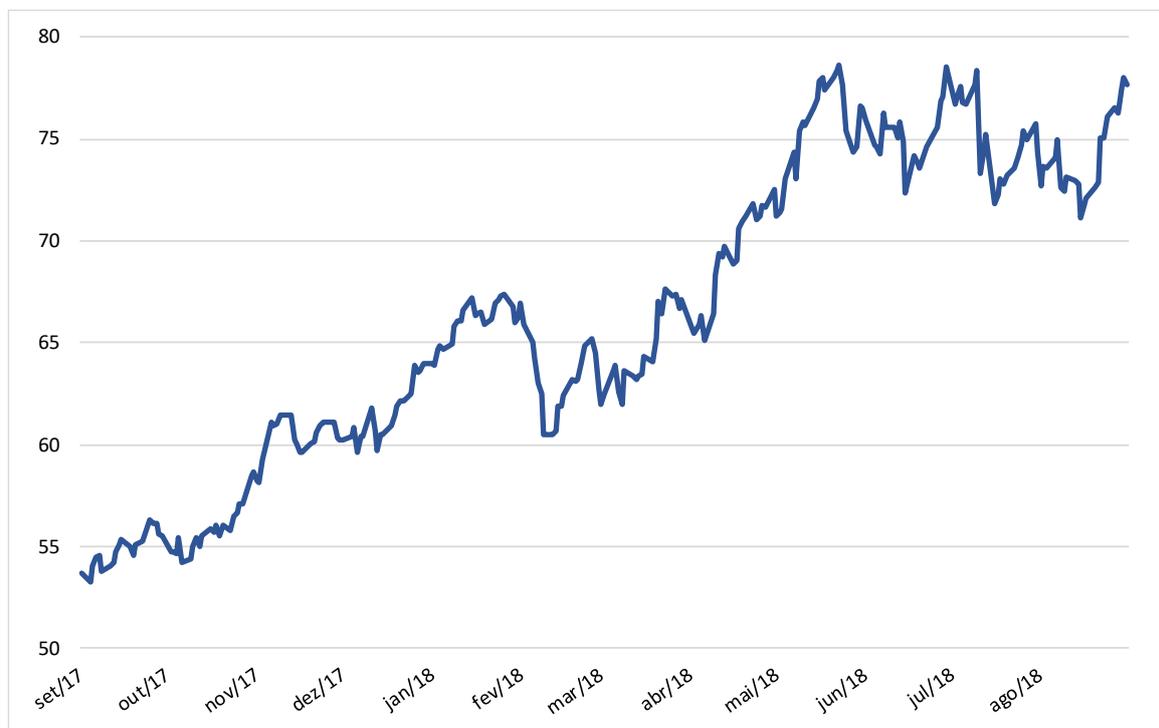
Na Bovespa, o índice caiu de 79 mil para 76 mil pontos, atingindo o ponto mínimo de 75 mil pontos na terceira semana de agosto. A piora nos investimentos acompanha a queda de 1,50% para 1,44% nas projeções do mercado para a taxa de crescimento do PIB. Esse clima de incerteza no mercado doméstico também pesa sobre a taxa de câmbio, contribuindo para a forte alta do dólar apresentada em agosto. Com o Banco Central intervindo apenas uma vez no final do mês, o câmbio saltou de R\$3,75 para R\$4,06 durante o período, chegando R\$4,15 em alguns momentos. Destaca-se, não obstante, que a última pesquisa do Relatório Focus aponta uma taxa de câmbio de R\$3,80 para 2018, revelando uma aposta de baixa para final do ano entre os agentes econômicos.

Um dos efeitos da forte depreciação cambial é a possibilidade de o aumento nos preços relativos dos produtos importados estimular uma maior taxa de inflação. A deflação de 0,09% mostrada no último resultado do IPCA, por sua vez, contribuiu para uma melhora do índice acumulado em 12 meses, que caiu de 4,48% para 4,19%. A queda na inflação mensal foi consequência de uma retração nos preços dos grupos *Alimentação e bebidas* e *Transportes*. Assim, o balanço de risco reforça a chance de manutenção da taxa Selic em 6,50%, pelo menos até o final de 2018.

2 - Preços

No mês de agosto, houve uma alta no preço do barril de petróleo, que passou de US\$72,67 para US\$77,64. O preço mínimo foi observado na primeira metade do mês, quando o Brent estava cotado em US\$71,10. Já na segunda metade do mês, é notado uma tendência de alta, com cotação atingindo o máximo US\$78,02 um dia antes do término do mês corrente. Essa forte alta em duas semanas foi motivada, pela retomada das negociações entre os EUA e a China, buscando um acordo entre os países e que não prejudique o mercado global. Por outro lado, a preocupação se voltou a sanção imposta pelo governo americano contra o Irã, levando a diminuição da exportação do país persa. De outro modo, o entendimento entre o EUA e o México, ajudou a elevação do preço do petróleo.

Gráfico 1 – Preço do Brent (USD)

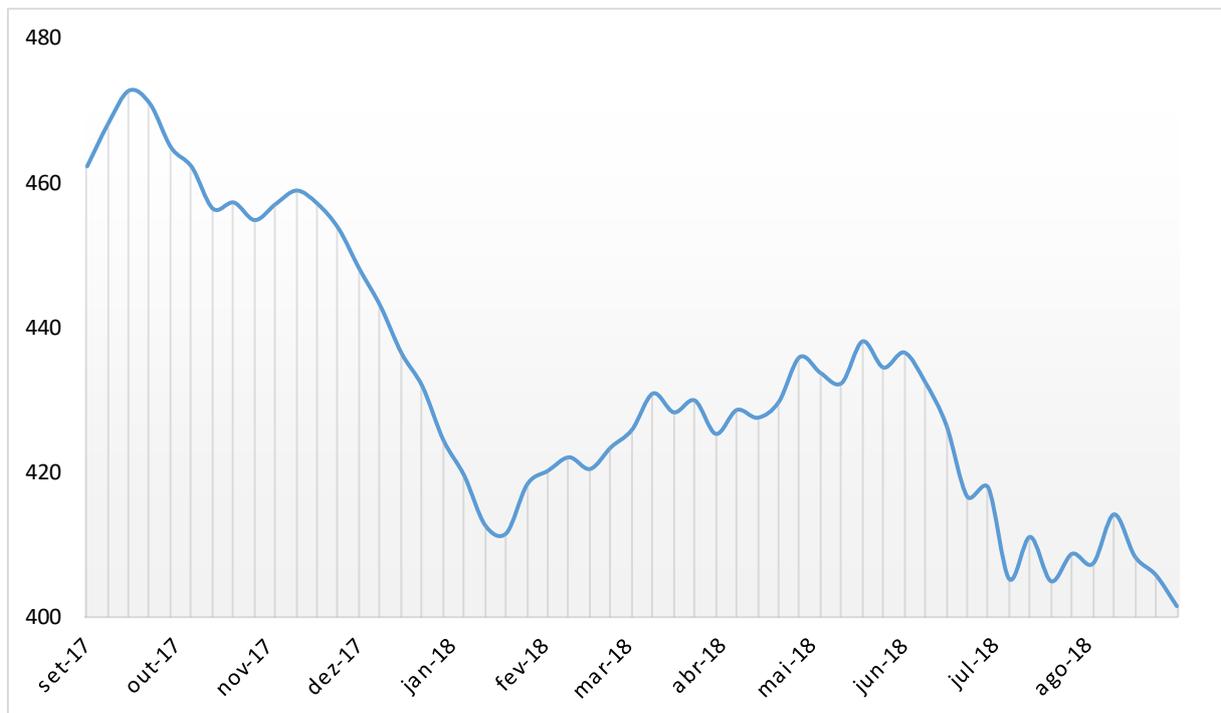


Fonte: Elaboração GOP com base em dados do The Ice

De acordo com a *Energy Information Administration* (EIA), a projeção do preço médio do Brent para 2018 está em US\$71,74, enquanto para 2019 calcula-se uma projeção de US\$70,58. Olhando apenas para o ano atual, podemos ver que no segundo trimestre, o preço médio do barril foi US\$74,53. Em relação aos próximos meses, há uma projeção média de US\$73,42 para o terceiro trimestre e de US\$72,05 para o quarto trimestre. Ou seja, há uma tendência de queda do preço até o fim do ano, que deve permanecer em 2019.

Em relação aos estoques de petróleo bruto e outros líquidos nos países membros da OCDE temos uma pequena redução nas expectativas para 2018 e para 2019. Em agosto, o valor calculado pela EIA foi de 2,81 bilhões de barris para o ano corrente e de 2,90 bilhões de barris para o próximo ano. Nos EUA, a projeção desse estoque para o final de 2018 é de 1,21 bilhões de barris, e para 2019 é de 1,30 bilhões de barris. No entanto, quando observamos apenas o estoque de petróleo bruto, a projeção é de 414,5 milhões de barris para o ano corrente e 469,9 milhões de barris para o próximo ano. Como podemos ver no gráfico, o estoque de petróleo bruto nos EUA apresenta tendência de queda nos últimos 12 meses, atingindo o ponto mínimo de 401,5 milhões de barris no mês de agosto. Esse movimento é consequência de uma mudança no ponto de equilíbrio entre a oferta e a demanda. Isto é, a queda nos estoques pode ser em razão de uma demanda mais aquecida ou de uma redução na quantidade produzida, com esse segundo ponto sendo um reflexo das expectativas dos empresários.

Gráfico 2 – Estoques de Petróleo nos EUA (milhões de barris)



Fonte: Elaboração GOP com base nos dados do Broadcast

3 - Demanda

3.1 - Estimativa Relatório OPEP

As projeções para a demanda global por petróleo da Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP) apontam uma média de 98,83 milhões de barris por dia em 2018. Esse resultado representa 1,64 milhões a mais do que em 2017, que equivale a uma taxa de crescimento de 1,68% na comparação entre os dois anos. Para o terceiro trimestre de 2018, a previsão de demanda total é de 99,44 milhões de barris por dia, um valor maior do que o apresentado no segundo trimestre e menor do que o apresentado no último trimestre do ano. Ou seja, há uma tendência de crescimento da demanda pela *commodity* durante o ano de 2018. Em 2019, as projeções indicam uma continuidade desse movimento, com uma demanda global de 100,26 milhões de barris por dia, representando um crescimento de 1,45% em relação à média de 2018.

Grande parte da demanda mundial é oriunda dos países da América, com destaque para os EUA. O país americano tem uma previsão de demanda na faixa de 20,53 milhões de barris por dia para 2018, aproximadamente um quinto da demanda mundial. Na Ásia, o país que tem a maior demanda é a China, com uma projeção de 12,74 milhões de barris por dia para o mesmo ano. Em relação ao ano de 2019, há uma previsão de aumento na demanda desses dois países, sendo 230 mil barris por dia a mais nos EUA e 360 mil barris por dia a mais na China.

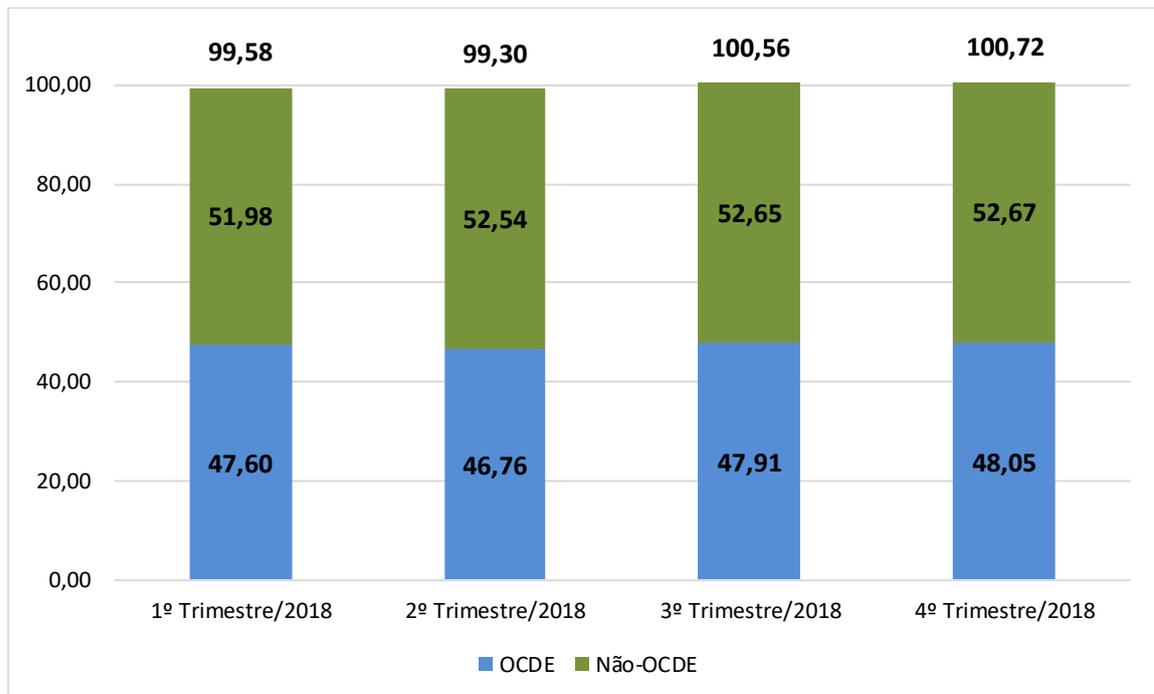
4.2 - Estimativa Relatório EIA

O relatório da Energy Information Administration (EIA) também prevê uma queda no consumo global de combustíveis líquidos, atingindo uma média de 100,05 milhões de barris por dia em 2018. Enquanto nos dois primeiros trimestres do ano o consumo ficou um pouco abaixo de 100 milhões de barris por dia, a previsão para os próximos dois trimestres passaram a ser maior do que 100 milhões, impulsionando a média do ano. Para 2019, a projeção do consumo médio é de 101,66 milhões de barris por dia, valor 1,61% maior do que o ano anterior.

Para os países da OCDE, a EIA projeta um consumo de 47,59 milhões de barris por dia em 2018, aumentando para 47,97 milhões no próximo ano. O país com maior participação nesse número são os EUA, responsável por uma previsão de consumo de 20,35 milhões por dia em 2018. Em seguida, temos o consumo dos países da Europa, que respondem por uma previsão de 14,38 milhões de barris por dia em 2018. No grupo dos países que não fazem parte da OCDE, a projeção para 2018 é de 52,46 milhões de barris por dia, sendo a China responsável por 13,72 milhões desse total.

Vale ressaltar que as estimativas entre a OPEP e a EIA se diferem quanto aos seus parâmetros. Enquanto a primeira indica apenas o consumo do petróleo, a segunda leva em consideração o consumo de outros combustíveis líquidos, o que explica em parte as divergências entre as estimativas da OPEP e da EIA. No gráfico abaixo, temos o consumo calculado nos últimos dois trimestres e a projeção dos próximos dois trimestres.

Gráfico 3 – Estimativa de consumo anual (EIA)



Fonte: Elaboração GOP com base em dados da EIA

4 – Oferta

4.1 - Estimativa Relatório OPEP

De acordo com o relatório da OPEP, a previsão da oferta de petróleo entre os países que não fazem parte da organização é de 57,37 milhões de barris por dia para 2018. Nesse mesmo grupo de países, a oferta no segundo trimestre de 2018 foi de 56,98 milhões de barris por dia, com projeção de aumento para o terceiro trimestre, passando para 57,42 milhões. Desse total, o país com maior oferta são os EUA, apresentando previsão de 16,06 milhões de barris por dia para 2018, 1,69 milhões a mais do que no ano passado. Houve uma revisão no aumento da oferta de petróleo com o acréscimo de 73 mil barris por dia, relacionado com a produção acima do esperado da China e que revisou as expectativas de estoques de 2019.

Para os países membros da OPEP são divulgados apenas os resultados da produção nos meses anteriores. Em julho, a produção total foi de 32,32 milhões de barris por dia, 41 mil a mais do que a produção em junho. O grande destaque entre o grupo de países é a Arábia Saudita, que contou com uma produção de 10,38 milhões de barris por dia no último mês. Em seguida aparece o Iraque, com 4,56 milhões de barris por dia, e o Irã em terceiro, com 3,73 milhões. Na média do segundo trimestre de 2018 a produção de petróleo foi um pouco menor do que em julho, atingindo 32,18 milhões de barris por dia.

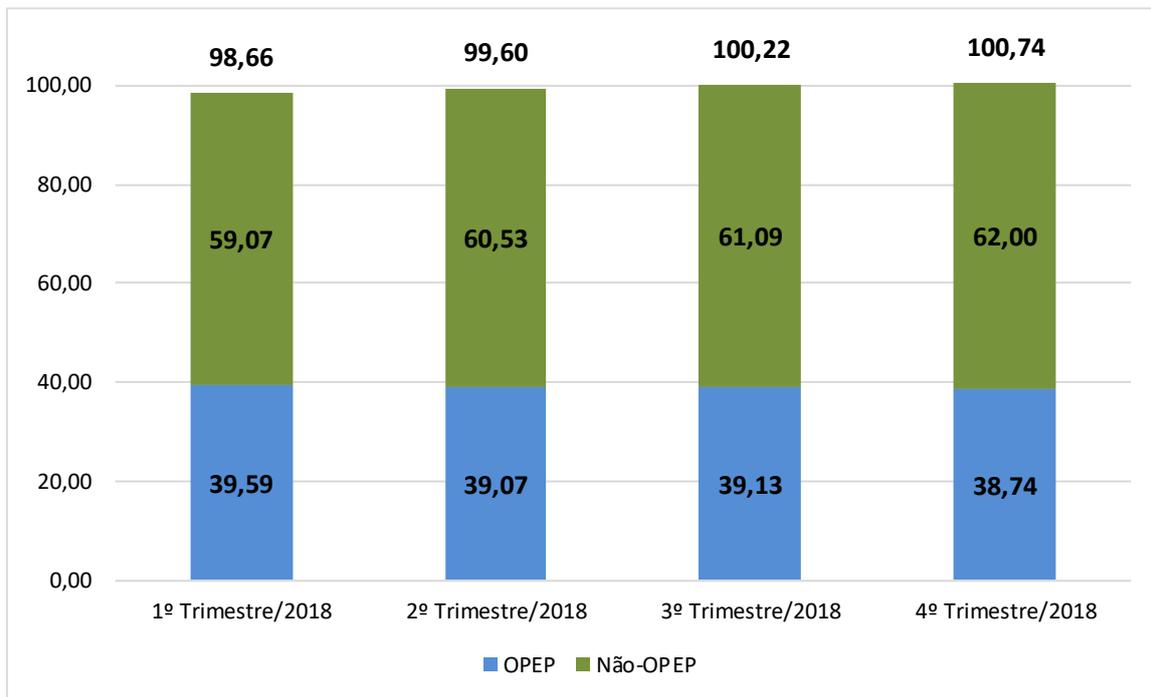
4.2 - Estimativa Relatório EIA

A *Energy Information Administration* (EIA) estima uma oferta de 60,68 milhões de barris por dia em 2018 para os países que não fazem parte da OPEP. A América do Norte é responsável por aproximadamente 41% desse total, com os EUA ofertando 17,57 milhões de barris por dia, 2 milhões a mais do que a média de 2017. Na Eurásia o destaque é a Rússia, apresentando projeção de 11,26 milhões de barris por dia. Por outro lado, a China, um dos maiores consumidores de petróleo do mundo, conta com uma previsão de oferta de 4,79 milhões de barris por dia em 2018. Comparando os trimestres anteriores com as projeções dos próximos trimestres, é possível observar uma tendência de aumento na produção de todos os principais países.

Entre os países membros da OPEP, a Arábia Saudita apresenta a maior produção com 10,22 milhões de barris no último trimestre, seguida do Iraque com 4,49 milhões e do Irã com 3,80 milhões. No entanto, não há uma previsão da oferta dividida por países, apenas uma previsão total dos países pertencentes à organização. Para o final de 2018 esse valor foi projetado em 32,35 milhões de barris por dia. No caso dos países da OPEP, mesmo com o aumento de produção da Arábia Saudita, o valor do segundo trimestre é menor do que a projeção para a média de 2018, pressionado por países como

Venezuela e Líbia. No gráfico abaixo, temos a produção calculada nos últimos dois trimestres e a projeção dos próximos dois trimestres.

Gráfico 4 – Estimativa de produção anual (EIA)



Fonte: Elaboração GOP com base em dados da EIA

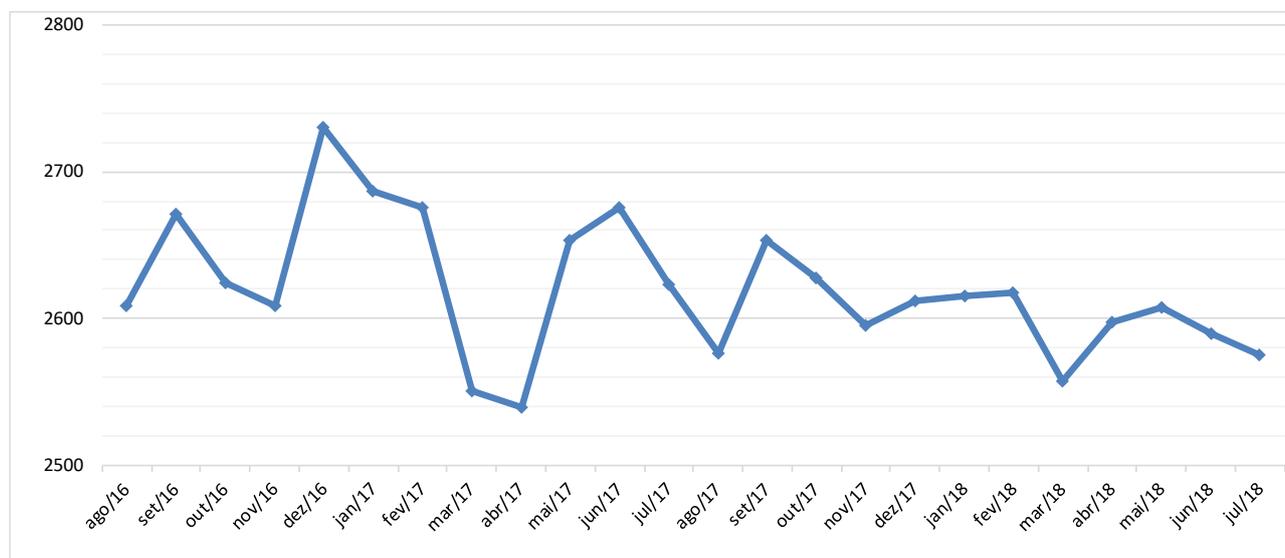
5 – Brasil

5.1 - Produção

Conforme divulgado pela Agência Nacional de Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP), a produção brasileira de petróleo no mês de julho de 2018 ocorreu em 7.483 poços, sendo 718 marítimos (*offshore*) e 6.765 terrestres (*onshore*). Se comparado ao mês anterior, houve uma diminuição total de 22 poços em operação, com uma redução de 4 poços *offshore* e 18 poços *onshore*. A quantidade de poços marítimos representa pouco mais de 22% do total, ainda assim, 95,7% da produção local têm origem no *offshore*.

A produção nacional em julho registrou uma média de 2.575 milhões de barris por dia, o que representa uma diminuição de, aproximadamente, 0,60% em relação ao mês de maio de 2018. A informação pode ser observada no Gráfico 5, onde percebe-se que o mês de julho apresentou uma produção menor do que a do mês de junho. Na comparação com o mesmo período de 2017, houve uma redução da produção em 1,8%.

Gráfico 5 – Histórico de produção de petróleo (em Milhões de barris/dia)



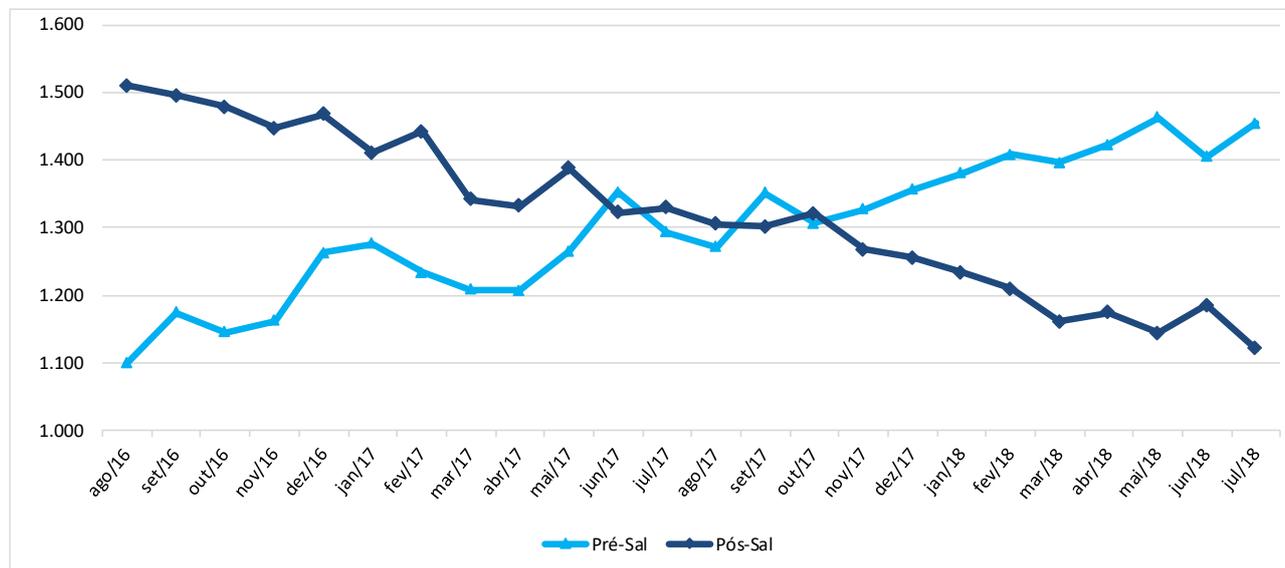
Fonte: Elaboração GOP com base em dados da ANP

5.2 - Pré-Sal X Pós-Sal

No mês de julho de 2018, a produção nacional com origem no pré-sal foi de 1,454 milhões de barris por dia. Tendo 87 poços em operação, um aumento de 3 poços em relação ao mês anterior. O resultado do pré-sal representa 55,1% do total produzido no Brasil. Em relação a junho, a extração nesses campos aumentou em 3,3%.

A produção nacional com origem no pós-sal foi de 1,121 milhões de barris por dia, o que equivale a 43,5% do produto nacional. Esse número reflete uma queda de 2,86% na comparação com o mês de junho.

Gráfico 6 – Evolução da produção do Pré-Sal e do Pós-Sal (em Milhões barris/dia)



Fonte: Elaboração GOP com base em dados da ANP

No Gráfico 6, podemos observar a trajetória de queda da produção do pós-sal e de aumento do pré-sal. Este movimento se deve, principalmente, pelo grau de maturidade atingido nos campos do pós-sal, que são mais antigos. Por outro lado, a produção do pré-sal segue em crescimento e já apresenta resultados bem superiores aos do pós-sal, superando esses campos pelo oitavo mês consecutivo com uma produção diária maior em, aproximadamente, 333 mil barris por dia. Cabe destacar, ainda, que a sustentação da produção nacional nesse patamar atingido nos últimos meses está diretamente atrelada ao resultado advindo do pré-sal, que vem compensando a queda da produção no pós-sal.

5.3 - Estados Produtores

Atualmente, o Brasil possui dez (10) estados produtores de petróleo, sendo Rio de Janeiro, Espírito Santo, São Paulo, Rio Grande do Norte e Bahia os cinco maiores. Detentores dos campos mais produtivos, os estados do Rio de Janeiro, Espírito Santo e São Paulo juntos representam 94,4% do resultado no setor. De acordo com a ANP, o Estado do Rio de Janeiro possui maior destaque, pois foi responsável por 70,2% da produção nacional no mês de julho de 2018, e foi o único estado que obteve altas na produção do mês de julho comparado com o mês anterior.

O Estado de São Paulo novamente contou com apenas seis (6) campos produtores em operação no mês de julho, mesma quantidade em todos os meses do ano. Esses campos apresentam elevado grau de rendimento, o que garante ao estado a posição de terceiro maior produtor do Brasil. O Quadro

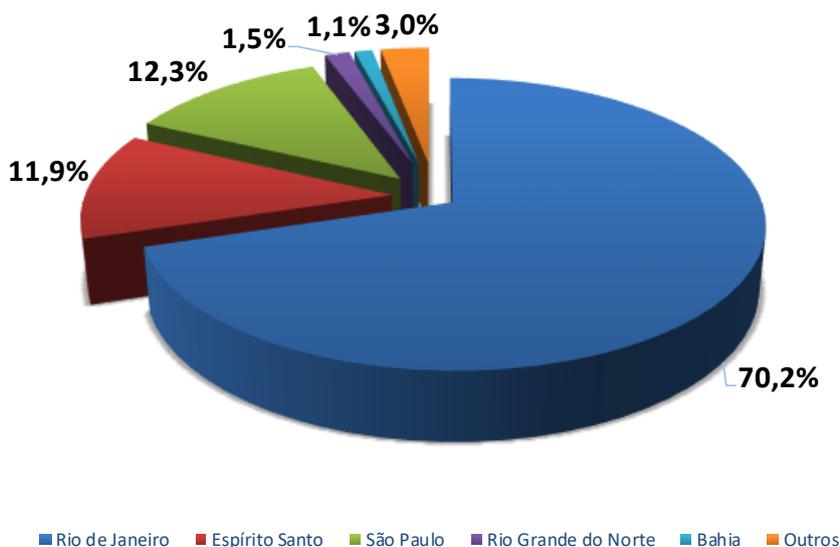
1 e o Gráfico 09 trazem a posição relativa de cada estado quanto à sua participação no total produzido no mês.

Quadro 1 – Distribuição da Produção por Estado

ESTADO	Produção (em barris/dia)	Nº CAMPOS PRODUTORES	Varição Nº de Campos
Rio de Janeiro	1.829.716	41	2
Espírito Santo	310.980	48	1
São Paulo	319.768	6	0
Rio Grande do Norte	39.833	81	-1
Bahia	28.887	83	-2

Fonte: Elaboração GOP com base em dados da ANP

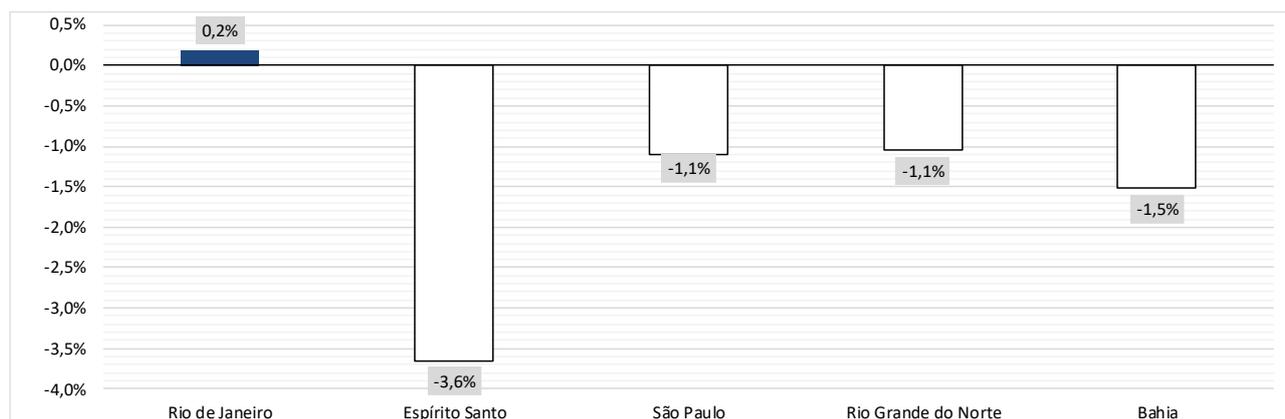
Gráfico 7 – Estados produtores (% da produção nacional)



Fonte: Elaboração GOP com base em dados da ANP

No Gráfico 10, observa-se a variação percentual da produção dos cinco maiores estados produtores no mês de julho.

Gráfico 8 – Variação percentual da Produção dos Principais Produtores Estaduais



Fonte: Elaboração GOP com base em dados da ANP

A produção fluminense registrou uma leve alta de 0,20% entre junho e julho, algo em torno de 3 mil barris de petróleo por dia a mais do que o período anterior, totalizando aproximadamente a produção de 1,830 milhões de barris por dia. O estado do Rio de Janeiro foi o único que apresentou uma variação positiva desse período, representando cerca de 70% da produção total do país. Já o estado do Espírito Santo, cuja produção teve baixa de 3,60% na comparação mensal, foi o que apresentou as maiores baixas, com uma redução de 11,800 mil barris por dia. Rio Grande do Norte e Bahia também registraram quedas em seus níveis de produção, ainda que de menor expressão, totalizando uma perda da produção diária da ordem de, aproximadamente, 430 mil barris por dia. São Paulo acompanhou o fluxo, apresentando uma baixa de 1,1% em comparação com o mês de julho. Enquanto o maior estado do país manteve-se constante no número de campos produtores, o estado do Rio de Janeiro aumentou a exploração em mais 2 campos. Bahia e Rio Grande do Norte apontaram redução nos campos explorados. O aumento de campos explorados e a produção não são congruentes, como acontece no estado do Espírito Santo, onde o número de campos subiu, mas a produção registrou queda.

5.4 - Bacias

As bacias sedimentares, de onde se extrai o petróleo, não se restringem apenas a uma unidade federativa, podendo abranger dois ou mais estados. Atualmente, a produção nacional é oriunda de doze bacias, entre as quais se destacam a Bacia de Santos – PR/RJ/SP; a Bacia de Campos – ES/RJ; a Bacia Solimões – AM; e a Bacia do Parnaíba – B, respectivamente.

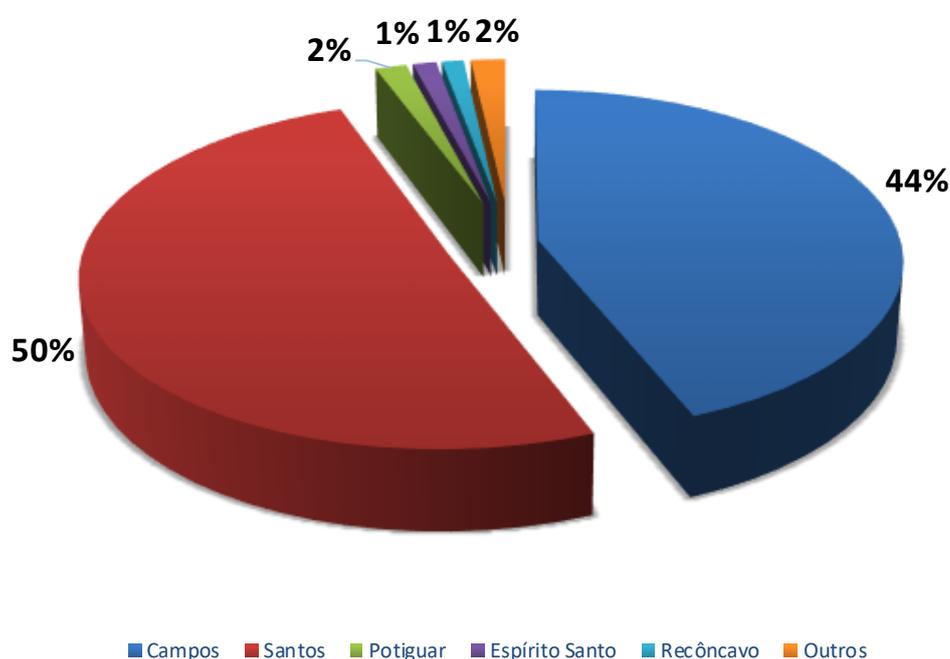
No mês observado, a Bacia de Campos e a Bacia de Santos representaram 88,70% da produção nacional, o que atesta a extrema concentração da capacidade produtiva do país. O Quadro 2 e o Gráfico 12 ilustram essa convergência no produto local.

Quadro 2 – Distribuição da Produção por Bacia

BACIA	PRODUÇÃO	Nº CAMPOS PRODUTORES	LOCALIZAÇÃO
Santos	1.299.093	13	Paraná/Rio de Janeiro/São Paulo
Campos	1.157.559	42	Espírito Santo/Rio de Janeiro
Potiguar	41.424	83	Ceará/Rio Grande do Norte
Espírito Santo	33.681	40	Espírito Santo
Recôncavo	28.440	77	Bahia

Fonte: Elaboração GOP com base em dados da ANP

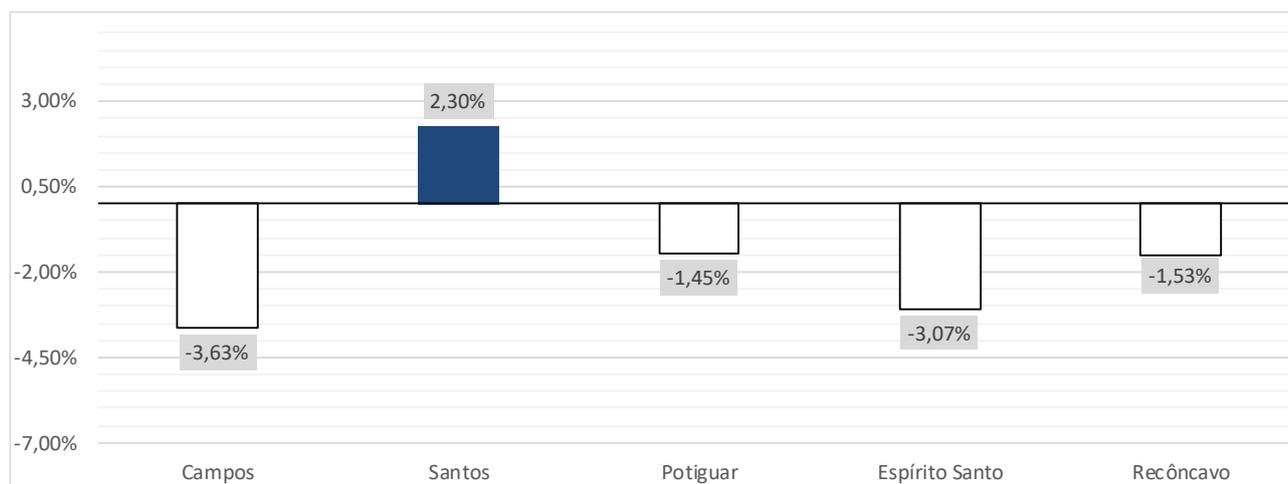
Gráfico 9 – Produção de Petróleo por Bacia



Fonte: Elaboração GOP com base em dados da ANP

No mês em análise, como já mencionado, a ANP divulgou a produção nacional de 2,575 milhões de barris por dia, uma redução em relação à produção de junho. No gráfico 12 é possível observar a variação da produção de cada uma das principais bacias em julho se comparado com junho.

Gráfico 10 – Variação de Produção das Principais Bacias (jun_18/jul_18)



Fonte: Elaboração GOP com base em dados da ANP

Em julho, duas das principais bacias apresentaram alta em sua produção, com destaque para a Bacia de Santos, que além de ser a maior produtora nacional, foi a que registrou maior crescimento mensal e manteve a tendência de alta registrada no mês anterior. Operando com os mesmos 12 campos que no mês anterior, a bacia produziu, em média, 30 mil barris de petróleo por dia a mais em julho que em junho.

A Bacia de Campos, a Bacia de Potiguar e a Bacia do Recôncavo registraram queda produtiva entre julho e junho, mesmo contando com a mesma quantidade de campos em operação e no caso da Bacia de Campos, obteve um aumento de dois campos produtores. Como as bacias de Potiguar e do Recôncavo têm pequena participação no total da produção nacional, a diminuição de suas produções não causou grande impacto sobre o agregado sobre o total. Por outro lado, a Bacia de Campos é a segunda maior produtora e, assim, a diminuição de 10,84% em sua produção significa um decréscimo de 126,5 mil barris de petróleo por dia. A Bacia de Santos vem registrando uma tendência de queda em sua produção desde dezembro de 2017, ainda que em abril tenha registrado uma leve recuperação.

5.5 – Campos

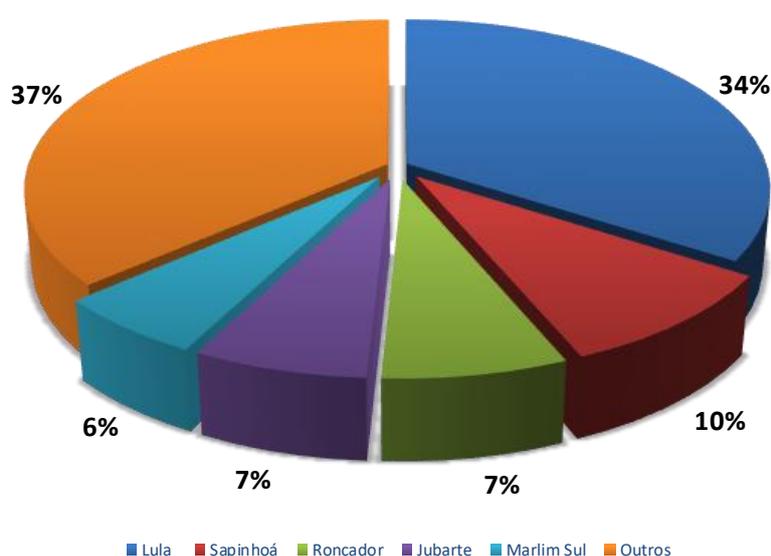
No que diz respeito aos campos, é possível destacar os maiores produtores: Lula, Sapinhoá, Roncador, Jubarte e Marlim Sul. Os cinco campos juntos representam 63% da produção de petróleo operada no país, e estão concentrados nas Bacias de Santos e de Campos, como segue retratado no Quadro 3.

Quadro 3 – Distribuição da Produção por Campo

CAMPO	PRODUÇÃO (Mb/d)	LOCALIZAÇÃO
Lula	879	Santos
Sapinhoá	246	Santos
Roncador	184	Campos
Jubarte	173	Campos
Marlim Sul	153	Campos

Fonte: Elaboração GOP com base em dados da ANP.

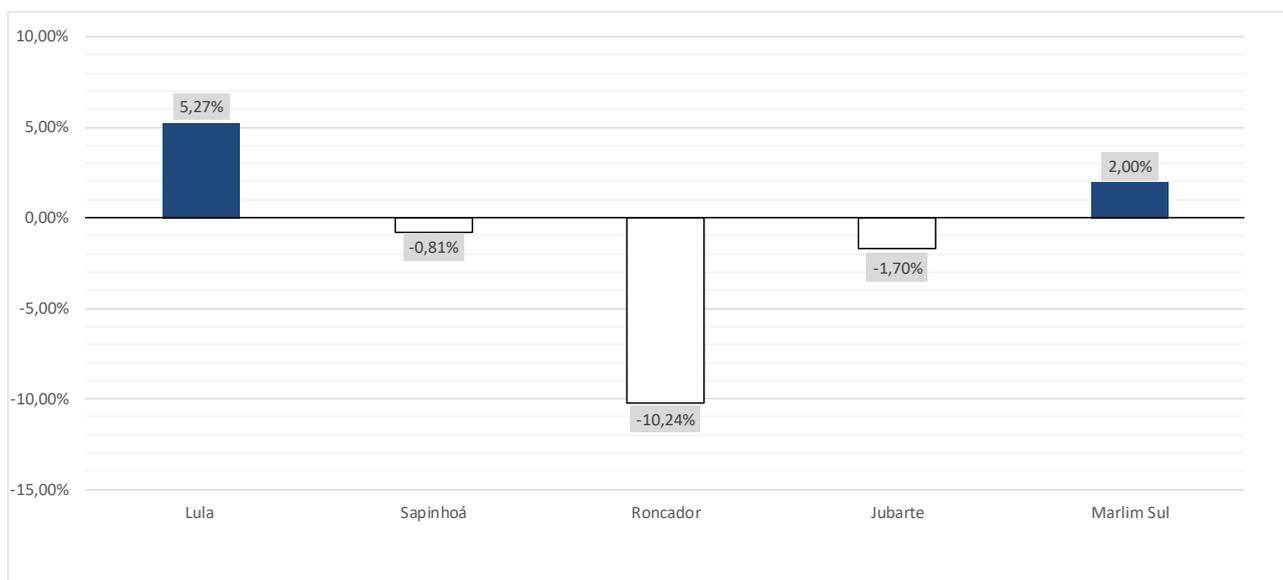
Gráfico 11 – Produção de Petróleo por Campo (% da produção total)



Fonte: Elaboração GOP com base em dados da ANP

O Campo de Lula, que é o maior produtor nacional, obteve uma alta na produção de 5,72% entre os meses de junho e julho, algo em torno de 44 mil barris por dia a mais. Com isso, o campo produziu, em média, 879 mil barris por dia no mês de julho. Este campo é responsável por 53,76% da produção total entre os cinco maiores campos do país, ou 34% da produção total brasileira, e tem mostrado grande variação em sua produção, alcançando níveis recordes de produção em novembro de 2017 e abril de 2018, com períodos de ajuste entre esses meses.

Gráfico 12 – Variação percentual de produção dos principais Campos



Fonte: Elaboração GOP com base em dados da ANP

Sapinhoá, localizado no Estado de São Paulo, sofreu uma redução em sua produção no mês de junho, de 0,81%. O Campo de Sapinhoá produziu 246 mil barris por dia em julho, ficando em segundo lugar entre os cinco maiores campos, posto que tinha perdido para o Campo de Roncador no mês de abril. O Campo de Jubarte, localizado na Bacia de Campos, que seguia tendência de crescimento desde janeiro, sofreu uma redução de 5,88% em sua produção no mês de junho e 1,70% no mês de julho.

5.6 – Considerações Finais

A produção brasileira de petróleo apresentou leve queda no mês de julho. A produção total desse mês foi 0,6% menor que a de junho, acumulando duas quedas sucessivas. Dado o cenário anterior esperado de crescimento, as expectativas são de continuidade da tendência de elevação da produção no país, impulsionado principalmente pela performance do pré-sal.

O Campo de Lula se mantém como líder absoluto entre os principais campos produtores, havendo um aumento na sua produção em relação ao mês anterior, de 44 mil de barris por dia.

Dentre os cinco principais estados, apenas Rio de Janeiro apresentou resultado positivo, com alta de 1.830 mil barris por dia, ou 0,20%, sendo responsável por 70,2% da produção brasileira.

A atividade nos demais estados registrou perda, o que explica o fraco crescimento na comparação mensal.

Gerência de Operações e Planejamento

Gerente de Operações e Planejamento

Kelli Manhães Pessanha

Coordenadores

Bruno Luís Lacerda dos Santos

Rodrigo Santos Martins

Equipe Técnica

Alisson José Ramos Batista

Ângela Maria Monteiro Pandolfo

Fernanda Felipe Moreira

Flávio Carramanhos Werneck

Flávio Silva do Carmo

Juliana Chaves Monteiro

Matheus Pinto Rebouças

Nícolás Ribeiro da Costa Cardoso

Pedro Daflon Fraiz

Teresa Luiza da Silva Dias

Glossário

OPEP: Organização dos Países Exportadores de Petróleo.

EIA: Energy Information Administration - Vinculada ao Departamento de Energia norte-americano.

ANP: Agência Nacional de Petróleo.